

# A Dor

por Vinicius

**S**erá a dor um bem? Será um mal? Se é um bem, porque a consideramos como – indesejável? – Se é um mal, porque Deus fez dela um patrimônio comum da Humanidade? Será a dor punição ou castigo? Então como se explica atinja ela os bons e de sua influência não escapem os justos? De outra sorte, como se entende que a vida dos maus, senão

sempre, muitas vezes transcorra menos árida e penosa que a dos que procuram viver segundo a justiça?

A dor será, então, um problema complexo, de solução difícil, inacessível às inteligências vulgares? Não devemos buscar o seu “porquê”? Cumpre que a ela nos submetamos, premidos pelas circunstâncias, como vítimas indefesas? Diante da dor, qual a atitude a assumir, de

revolta ou de submissão incondicional e passiva?

Descobre-se facilmente a incógnita da dor através da seguinte parábola de Jesus:

“Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi buscar fruto nela, e não o encontrou. Então, disse ao viticultor: Faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira, e não acho; corta-a, para que está ela ainda ocupando a terra inutilmente? Respondeu-lhe: Senhor, deixa-a mais este ano, até que eu cave em roda e lhe deite adubo; e se der fruto no futuro, bem está; mas, senão, cortá-la-ás.”

Eis aí como se faz luz sobre o caso. Aquilo que nos parecia tão complicado, torna-se perfeitamente claro.

A dor é uma necessidade em orbes como este onde nos encontramos. Ela é, na vida do Espírito, o que o fertilizante é na vida da planta. Os homens, como as árvores, não devem ocupar neste mundo um lugar inutilmente. É da lei que as árvores e homens produzam frutos, cada um segundo sua espécie e natureza. Quando a árvore se torna estéril, o agricultor recorre aos processos aconselhados ao caso: abre sulcos em volta do seu tronco e aduba a terra ao redor. Quando o espírito estaciona na senda da evolução, mostrando-se negligente ▶

**Faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira, e não acho; corta-a**



e relapso no dever que lhe assiste de produzir frutos de aperfeiçoamento moral e de desenvolvimento intelectual, vem o aguilhão da dor despertá-lo. É assim que os abúlicos, os comodistas impenitentes, os preguiçosos e os cínicos são chamados a postos e forçados a assumirem atitudes definidas e positivas nas lutas da vida.

A Humanidade terrena é composta de elementos retardatários. Daí se explica porque a dor é patrimônio comum a todos os homens. As lutas, as dificuldades e o sofrimento nos assediam por todos os lados e nos salteiam a cada passo no carreiro da presente existência. Debalde procuramos fugir às suas investidas. O momento chega em que nos vemos forçados a enfrentar obstáculos e a resolvê-los; a aceitar as lutas e a vencê-las; a encarar a dor face a face e suportá-la.

E de tudo isso resulta um bem. Após as refregas e as dores, o Espírito sente-se mais capaz e menos



**Após as refregas e as dores, o  
Espírito sente-se mais capaz  
e menos egoísta**

egoísta, mais corajoso e menos indolente. Ao concurso da dor devemos, pois, grande parte do nosso progresso intelectual e moral.

A dor física, determinando sensações desagradáveis e penosas, põe cobro aos desmandos da intemperança, às bacanais e a todos os arrastamentos da animalidade a que os homens nos entregamos na satisfação insaciável dos sentidos. Em

## ESTUDO

busca da saúde perdida, vemo-nos na necessidade de submeter-nos às leis da higiene, cujos preceitos são mandamentos divinos. Começa aí a obra da nossa espiritualização.

A dor moral gera sentimentos que fazem aflorar nos corações as mais belas virtudes ao lado das mais puras e santas emoções. É pelo sentimento que o gérmen de tudo que é bom e de tudo que é belo cresce e frutifica. O sentimento é o esplendor da centelha divina que anima e vivifica o espírito, ou, para melhor dizer, é a essência do próprio espírito. A dor moral é o sopro que desperta os sentimentos como a aragem ressuscita a brasa amortecida sob espessa camada de cinza.

consolação, porque atrai a graça divina, esse bálsamo que mitiga e suaviza todas as agruras e tormentos, fazendo despontar a aurora bendita de esperança nas almas aflitas e sobrecarregadas.

“Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, os que agora estais fartos! Porque tereis fome. Ai de vós que sois ricos! Porque já recebestes a vossa consolação.”

Estes são as figueiras estéreis: não produzem frutos. Por isso estão reclamando que o arado rasgue largos e profundos sulcos em torno de si, abalando suas raízes; em seguida, receberão o fertilizante.

“Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de

planeta Terra é o grande cenário onde os espíritos vêm exercitar suas atividades e experimentar suas possibilidades. As encarnações são oportunidades concedidas para tal finalidade.

A vitória ou a derrota tracejará as linhas do porvir que além os aguarda.

A dor é o aguilhão que os impele à arena do combate. Aqueles que menosprezam ou malbaratam a ocasião favorável, que lhes é concedida, lamentarão amargamente o tempo perdido. A dor os espreita e, como efeito de uma causa adrede criada, sobre eles recairá inexoravelmente até que os conduza à senda da vida cujo senso máximo é o progresso sob todos os prismas e aspectos.

E assim a dor se define, não como o objeto ou a finalidade da vida, mas como o meio que conduz os espíritos àquele objeto e àquela finalidade. ♦

## Riqueza e pobreza, rigor e debilidade – são provações

O homem assemelha-se à cana de açúcar. Através dos grandes sofrimentos é que ele nos revela as belezas ocultas e as suas qualidades mais nobres e excelentes, tal como a cana que só esmagada e triturada entre os impiedosos cilindros da moenda é que nos fornece o seu delicioso sumo repassado de incomparável doçura. Daí porque sofrem todos neste mundo: os injustos para que se regenerem, e os justos e os santos para que melhor se justifiquem e se santifiquem.

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” A dor, suportada com valor e paciência, encerra em si mesma a

Deus. Bem-aventurados vós que tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados sois quando perseguidos e vilipendiados; quando vos odiarem o hostilizarem. Regozijai-vos e exultai: pois grande será o vosso galardão.” Estes são as figueiras sob a influência do fertilizante: já estão produzindo frutos sazonados.

Riqueza e pobreza, rigor e debilidade – são provações. O rico há-de dar conta de sua riqueza, como o pobre há-de responder acerca da maneira porque se houve na sua pobreza. O forte dirá que uso fez da sua fortaleza, e o débil como se portou em suas enfermidades. O

Fonte:

VINÍCIUS. *Em Torno do Mestre*. Págs. 63-66. Feb.